



Introdução: Quando o coração busca o eterno

Há perguntas que atravessam toda a história da humanidade — perguntas que não se esgotam com o passar do tempo, porque nascem do mais profundo da alma. Quem é Deus? O que significa que Ele seja eterno? Como pode ser “o Ser mesmo”? E, sobretudo, o que tudo isso tem a ver com a minha vida concreta, com as minhas preocupações diárias, com os meus medos e esperanças?

Falar da eternidade e do ser de Deus não é um exercício abstrato reservado a filósofos ou teólogos. É, na verdade, um convite a descobrir o fundamento último da nossa existência. Porque, se Deus é eterno e é o Ser mesmo, então tudo o que somos e tudo o que vivemos tem a sua raiz n’Ele.

Este artigo pretende ser exatamente isso: um guia acessível, mas profundo, para entrar no mistério de Deus a partir da filosofia e da teologia católica, com um olhar pastoral que nos ajude a viver melhor hoje.

1. O assombro original: a questão do Ser

Desde os primeiros filósofos, como Parmênides ou Aristóteles, o ser humano percebeu que tudo o que existe participa de algo mais profundo. As coisas mudam, nascem e morrem, mas algo permanece.

Aqui surge a grande intuição: se tudo o que existe muda, deve haver algo que não muda. Se tudo o que é, é “por outro”, deve existir um Ser que seja “por si mesmo”.

Esta intuição encontra a sua plenitude na teologia cristã, especialmente na obra de São Tomás de Aquino, que afirma que Deus não é “um ser entre outros”, mas sim **o Ser mesmo subsistente (Ipsum Esse Subsistens)**.

Isto significa algo revolucionário:

- Deus não tem o ser... **Ele é o Ser.**
- Deus não existe como as criaturas... **Ele é a própria existência.**
- Não depende de nada... **tudo depende d’Ele.**



2. «Eu sou Aquele que sou»: a revelação do Ser eterno

A filosofia chega até certo ponto. Mas é a revelação divina que ilumina plenamente este mistério.

No livro do Êxodo, Deus revela-Se a Moisés com um nome que contém toda a teologia do ser:

| «*Eu sou Aquele que sou*» (Êxodo 3,14)

Esta afirmação não é uma simples identificação. É uma declaração ontológica:

- Deus **não muda**.
- Deus **não tem princípio nem fim**.
- Deus **não depende do tempo**.

Aqui entramos no mistério da **eternidade divina**.

3. O que significa que Deus é eterno?

Muitas vezes pensamos na eternidade como “muito tempo” ou “tempo infinito”. Mas isso é insuficiente.

A teologia clássica ensina que a eternidade de Deus não é duração, mas **plenitude do ser sem tempo**.

Santo Agostinho expressa-o de forma magistral:

| «*Na eternidade nada passa, tudo é presente.*»

Isto tem implicações profundas:



- Deus não vive no passado nem no futuro.
- Deus não espera nem recorda.
- Deus **é um presente eterno**.

Para nós, o tempo é uma sucessão: passado → presente → futuro.
Para Deus, tudo é um “agora” absoluto.

4. Deus como fundamento de tudo o que existe

Se Deus é o Ser mesmo e é eterno, então tudo o que existe:

- Existe porque Deus o sustenta.
- Permanece porque Deus o quer.
- Tem sentido porque Deus o ordena.

São Paulo resume isto com uma frase de enorme profundidade:

┃ «N'Ele vivemos, nos movemos e existimos» (Atos 17,28)

Isto muda completamente a nossa visão do mundo:

- Não somos fruto do acaso.
- Não somos seres isolados.
- Não estamos abandonados.

Vivemos constantemente sustentados por Deus.

5. A diferença entre Deus e as criaturas

Aqui é fundamental compreender uma distinção essencial:



Deus

Criaturas

É o Ser	Tem o ser
É eterno	Está no tempo
É necessário	É contingente
Não muda	Muda constantemente

Nós **poderíamos não ter existido**. Deus, porém, **não pode não existir**.

Isto não é uma limitação, mas a sua perfeição absoluta.

6. A eternidade e o problema do sofrimento

Uma das perguntas mais atuais é:

Se Deus é eterno e perfeito, por que permite o mal e o sofrimento?

A partir da perspectiva da eternidade:

- Deus vê o conjunto completo da história.
- Nós vemos apenas fragmentos.

O que para nós é incompreensível no presente pode ter sentido no plano eterno de Deus.

Isto não elimina a dor, mas dá-lhe um horizonte:

«Sabemos que tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus» (Romanos 8,28)

7. Cristo: a ponte entre o tempo e a eternidade

O cristianismo não permanece na abstração filosófica. Deus entra na história.



Em Jesus Cristo acontece algo extraordinário:

- O Eterno entra no tempo.
- O Imutável assume a carne.
- O Ser mesmo torna-Se próximo.

Isto tem um valor imenso para a nossa vida espiritual:

- Deus não é uma ideia distante.
- Deus conhece a nossa experiência humana.
- Deus viveu o sofrimento, a alegria e a morte.

Cristo é a ponte entre a nossa temporalidade e a eternidade divina.

8. Aplicações práticas: viver a partir da eternidade

Tudo isto pode parecer elevado, mas tem consequências muito concretas.

8.1. Relativizar o que é passageiro

Se Deus é eterno, então:

- Os nossos problemas não são absolutos.
- As nossas preocupações não são definitivas.

Isto não significa ignorar a realidade, mas colocá-la em perspetiva.

8.2. Procurar o que permanece

Jesus diz claramente:

«Não acumuleis para vós tesouros na terra...» (Mateus 6,19)

Viver a partir da eternidade implica:



- Dar prioridade ao espiritual.
- Cultivar a vida interior.
- Investir no que não passa: amor, fé, verdade.

8.3. Aprender a viver o presente

Se Deus é um presente eterno, o lugar onde O encontramos é **agora**.

- Não na nostalgia do passado.
- Não na ansiedade pelo futuro.

Mas no momento presente vivido com Deus.

8.4. Confiar no plano de Deus

A eternidade de Deus convida-nos à confiança:

- Ele vê o que nós não vemos.
- Ele guia o que nós não compreendemos.

Isto traduz-se numa atitude espiritual concreta: abandono confiante.

9. A oração como encontro com o eterno

Quando rezamos, acontece algo extraordinário:

- Não “chamamos” um Deus distante.
- Entramos na presença do Eterno.

A oração é, de certo modo, uma antecipação da eternidade.

Por isso, mesmo alguns minutos de oração:

- Ordenam a alma.
- Trazem paz.
- Iluminam a vida.



10. A esperança cristã: para além do tempo

Por fim, tudo isto culmina na esperança:

A vida não termina na morte. Somos chamados a participar da eternidade de Deus.

Não como uma existência interminável, mas como:

- Plenitude do amor.
- Plenitude da verdade.
- Plenitude da vida.

O céu não é “muito tempo”, é **estar em Deus**.

Conclusão: Viver com os pés na terra e o coração na eternidade

Refletir sobre a eternidade e o ser de Deus não nos afasta do mundo; ajuda-nos a vivê-lo melhor.

Ensina-nos a:

- Não absolutizar o que é passageiro.
- Não desesperar diante do sofrimento.
- Não perder o sentido.

Porque, no fundo, tudo aponta para uma verdade simples e transformadora:

A nossa vida tem um fundamento eterno.

E esse fundamento não é uma ideia, mas um Deus vivo que nos sustenta, nos ama e nos chama a participar da sua própria eternidade.